

PERCEPÇÕES SENSÍVEIS SOBRE O PENSAMENTO LITERÁRIO DE HERMANN BROCH A PARTIR DE “OS SONÂMBULOS”

*Itamar Rodrigues Paulino

**Wilton Barroso Filho

RESUMO: Este artigo busca encontrar uma coerente estrutura filosófica de pensamento, no caso as percepções sensíveis, que permita fazer uso da Literatura, utilizando de maneira específica um romance, para demonstrar a possibilidade de se provocar o filosofar sobre a existência humana, considerando o tema da degradação dos valores humanos. Para tanto, Immanuel Kant, Friedrich Hegel e Friedrich Nietzsche tornaram-se a fundamentação acerca dos valores humanos. Hermann Broch, e sua obra *Os Sonâmbulos*, contribui com uma percepção estético-literária acerca do tema.

Palavras-chave: estética, sensibilidade, belo, degradação dos valores humanos.

ABSTRACT: This article aims to find out a philosophical structure of thought, in this case the sensitive perceptions that allow someone to make use of Literature, but specifically a romance, to show that it is possible to provoke philosophical thoughts about human existence, taking into consideration the subject disintegration of human values. In that sense, the thought of Immanuel Kant, Friedrich Hegel and Friedrich Nietzsche became the fundamentals about human values. Hermann Broch, through his novel *The Sleepwalkers*, contributes to the investigation of the theme with an esthetical-literary perception.

Key Words: esthetics, sensitivity, beauty, *disintegration of human values*.

INTRODUÇÃO

Nossa proposta de estudos da obra *Os sonâmbulos* é a de provocar um debate sobre a degradação dos valores modernos, presente na obra de Hermann Broch, uma trilogia intitulada de *Os sonâmbulos*, para então compreender a engenharia de escrita própria deste autor, tendo nas situações e em teorias diversas o mecanismo de convencimento do leitor, feito esteticamente na forma literária. Neste sentido, o debate gira em torno das investigações sobre as opções estéticas de Hermann Broch, ao desenvolver uma engenharia de escrita própria, tendo nas situações forjadas pelo narrador e em teorias diversas o mecanismo de convencimento do leitor. A partir desta engenharia de escrita de Hermann Broch, que adota uma série de recursos, entre eles o estético, podemos compreender o pensamento de Broch sobre a degradação humana.

1.1. Um debate inicial sobre questões estéticas

Investigar o belo, a arte, o sublime é a mais precípua finalidade da Estética. Desde que 1735, ano em que Baumgarten defendeu sua dissertação acerca do *Meditationes philosophicae de nonnullis ad poema pertinentibus*¹, que o termo é utilizado para designar *uma ciência de como as coisas são conhecidas por meio dos sentidos*, e que mais tarde por conta da publicação de sua obra prima *Aesthetica* recebeu a definição de ciência da cognição sensível. A partir de então, o debate sobre o significado e os objetivos da Estética têm se acirrado. Baumgarten (1993) conceitua Estética como uma teoria do saber sensível, que ele

* Itamar Rodrigues Paulino é Mestre em Filosofia e Doutorando em Filosofia e Literatura.

** Wilton Barroso Filho é Professor Doutor em Filosofia pela Universidade de Paris-VII e Professor titular do Programa de Pós-graduação em literatura da Universidade de Brasília - PPGL, UnB.

¹ Considerações filosóficas sobre alguns aspectos pertinentes ao poema. (KIVY, 2008: 27)

próprio coloca numa posição de inferioridade em relação ao conhecimento racional. Isso não implica que a Estética seja uma área inferior de apreensão do objeto, mas que esse mundo das impressões particulares, na perspectiva de Baumgarten, seja fundamentado pelo inteligível.

Ao longo da modernidade, a perda de estruturas idealistas e de uma metafísica que possibilitassem uma apreensão ideal do mundo perfeito em relação a uma aparente realidade degradante fez com que o sujeito moderno se prendesse ao seu destino quase que exclusivamente por vias da razão pura. No imbróglio desse debate, o termo *estética* foi sendo substituído pela ideia de *juízo do gosto*, de Kant, que não é juízo do conhecimento e não se fundamenta em normas lógicas mas na estética. Neste sentido, Kant propõe que não é possível ao sujeito um juízo do belo devido à nossa incondição de acesso ao objeto em si. O belo é o que gera agradabilidade sem necessidade de estabelecimento de conceitos, sem a possibilidade de julgamento na dimensão da racionalidade. Mas Kant propõe uma Crítica judicativa, uma crítica que tenha criteriosos fundamentos racionais do gosto. O fato de Kant estar preocupado com esses critérios indica que há problemas sobre a questão: julgar o gosto não é julgar o banal, pois *o banal é aquilo que não merece julgamento* (COUTINHO, 1999).

Acontece que o sujeito encontra-se em um nível diferente ao da racionalidade, um espaço nem mais amplo e nem mais abrangente, mas é onde a razão parece se perder em suas orientações. Por conta do pensamento kantiano, a crença incondicional na força absoluta da razão pura fez com que a modernidade rejeitasse certas dimensões do sujeito, tais como a loucura (FOUCAULT, 2010), e a irracionalidade; e essa rejeição provocou uma visão bastante parcial dos valores humanos. Assim, é preciso redesenhar os fundamentos racionais para garantir uma compreensão mais holística da existência do sujeito. Seria talvez necessário colocar um toque de *sublime*, para usar um conceito de Kant (1993), nesse jogo existencial revestido de contradições e irracionalidades. Kant busca uma solução plausível pela via da Terceira Crítica, a Estética. Nas entrelinhas da Estética kantiana figura o *imperativo categórico* determinando como solução, para o equilíbrio da vida, o cumprimento das regras morais (KANT, 1993).

Em seus estudos sobre a faculdade do gosto, Kant propõe o imperativo categórico, ou seja, a purificação das ações humanas contaminadas pela sensibilidade, pelos desejos empíricos e pelos equívocos da natureza, traduzido sob a forma frasal de *cumpra teu dever incondicionalmente*, e que nasça da força autônoma da razão pura, com rejeição aos conteúdos originados do mundo empírico (KANT, 1993). Esse imperativo não implica necessariamente numa heteronomia, mas numa autonomia regida pelo rigor racional. Os conteúdos vindos da experiência, dos desejos e paixões devem ser, na perspectiva kantiana, submetidos à razão pura e obedecer à rigidez, ou seria à severidade do imperativo categórico. Neste sentido, os atos do sujeito, sejam de bondade ou de maldade, passam a ser uma questão de razão, ou em outros termos, de promover a superação das contradições empíricas percebidas pela razão.

Assim, o imperativo categórico faz o sujeito evitar problemas ou questionamentos sobre incoerências entre o racional e o experiencial, pois o racional torna-se a via imperativa que conduz os atos e atitudes do sujeito, mas empobrece sua experiência e capacidade de explorar um mundo de ações rejeitado pela norma moral vigente. Parece-nos, neste sentido, que os adeptos da proposição kantiana assumiram um tipo de estética que beneficie a forma perfeita sobre a realidade degradante.

O campo da Estética parece não ter sido aberto para justificar tal situação sob uma ótica exclusiva de perfeição, pois a Estética em si funciona como uma estrutura puramente subjetiva na representação ou intuição de um objeto, ou seja, ela se funda como um processo relativo e particular do sentimento que acompanha a intuição e pode servir de elemento de conhecimento de um objeto, mas necessariamente o objeto deve existir na sua materialidade

para a ocorrência do gesto estético (VÁZQUEZ, 1999). O problema é a opção estética que se faz uso para a construção de uma situação.

Neste sentido, o da opção estética, é preciso analisar os vários tipos de estética, pois se expressamos a ideia de opção é porque há variados modelos estéticos. Assim, é preciso investigar que tipo de construção estética a sociedade atual optou para tornar compreensível a relação sujeito-objeto. Ora, a Estética serve de espaço de debate para explicar ou ao menos tentar explicar essa relação. Como bem afirma Vázquez (1999: 74), *o surgimento e o desenvolvimento das diversas relações do homem com o mundo, e em alguns casos seu desaparecimento dependem de diversos fatores e condições históricas e sociais: produção material, estrutura de classe da sociedade, divisão social do trabalho, tradições nacionais, organização cultural, ideologia dominante etc.*

Tais fatores provocam profunda dinamicidade no jeito do sujeito perceber o mundo. É na percepção do mundo que o sujeito faz suas opções estéticas. As opções ocorrem quando há necessidade de tornar compreensível a sensibilidade, ou seja, a opção estética irá garantir ao expectador a leitura de sentimentos estéticos apresentados por uma obra, ou por uma situação real ou ficcional, mas logo transformados em sentimento do próprio leitor ou expectador. A estética faz esse processo de significação do sensível pelo entendimento. No mundo atual, essa percepção subjetiva ocorre sob a égide da autonomia porque fundada na razão autônoma. A percepção subjetiva se faz a partir de opções estéticas, mas isso somente ocorre porque tal percepção está vinculada ao gesto estético. Assim, o mundo na forma caótica em que se encontra, demanda que o sujeito ao fazer sua opção estética tenha imediatamente depois um gesto estético que o faça dar significado a si mesmo nesse mundo e ao mundo para si mesmo. Para que esse gesto ocorra no sentido estético, o sujeito necessita da percepção subjetiva.

A sociedade tem vivido sob estruturas “plásticas”, em que os objetos existentes estão em constante recriação e que, por conta disso, a contemplação do sujeito para com eles acaba por cair num olhar passivo provocando certo vazio de significação dos objetos, pois o significado deles no mundo é tão dinâmico que em um momento podem ser plenos de significado e em instantes podem se transformar em objetos sem qualquer substância significativa. Isso torna o sujeito um ser nem abstrato **nem concreto, pois nada mais se encontra na dimensão do sensível ou do racional, senão do plástico. Ainda assim, há um esforço inelutável por parte do sujeito de apreender as formas do objeto e assegurar a si mesmo a estabilidade na compreensão das coisas.**

Contudo, o fato dos objetos serem “plásticos” e dinâmicos provoca uma situação de apego e desapego do sujeito ao objeto apreendido em sua mente, um apego suprassensível, mas não racional. Neste aspecto, parece-nos que o sujeito de hoje tem vivido em permanente crise, pois o processo de matematização do mundo feito pelo pensamento moderno separou a sensibilidade do entendimento, mas a época atual tem exigido o reajuntamento sob a batuta da sensibilidade, e no entremeio do entendimento com o sensível ocorre o gesto estético, seja para provocar rupturas da forma racional moderna de se perceber o mundo, seja para expressar um novo entendimento refratário, desprendido e livre em relação à sociedade moderna. O reajuntamento na sociedade atual acontece quando o sujeito apreende sem esforços maiores o objeto, ou seja, ele apreende a forma impressa e indelével no objeto. Logo, o objeto apreendido se manifesta com leveza, suavidade, sutileza e conteúdo sensível, gerando prazer estético.

O homem para conquistar esse objeto deve desarmar-se, entrar em estado de êxtase e de contemplação, e provocar o diálogo entre o real sensível e o real representativo. Assim, a realidade é percebida pelo sujeito em estagio de lapso momentâneo da razão de maneira contemplativa. O ato contemplativo é um retorno à experiência existencial por meio da cognição da imagem. Maffesoli, defendendo a força da apresentação das coisas como

substitutivo à representação das coisas, afirma que a contemplação do mundo é uma prática de apresentação a si mesmo da imagem sob o efeito da via incerta do imaginário:

O racionalismo revelador de mensagem vai direto ao algo, segue essa 'via recta' cuja eficácia é conhecida. Totalmente outro é o caminhar incerto do imaginário. Isso culmina num saber raro; um saber que ao mesmo tempo, revela e oculta a própria coisa descrita por ele; um saber que se encerra, para os espíritos finos, verdades múltiplas sob os arabescos das metáforas; um saber que deixa a cada um o cuidado de desvelar, isto é, de compreender por si mesmo e para si mesmo o que convém descobrir; um saber, de certa forma, iniciático. (MAFFESOLI, 1997: 21)

A apresentação da imagem que numa obra, seja um romance ou uma escultura, é desenhada pelo autor, exige uma forma, ou seja, uma possibilidade mediativa entre sensibilidade e intelectualidade, entre a alma e as formas, na perspectiva de Lukács (1975), sendo assim um gesto estético levado a termo por força das opções das pessoas. Logo, o objeto apresentado não é mais do que nossa maneira de vê-lo (KANT, 1994). Ora, Brum (1999: 59), em seu artigo sobre o pensamento kantiano e as *visões de sublime*, comenta que *o que é absolutamente grande, ou elevado, ou sublime exclui a possibilidade do desprezo*. Isso implica dizer que o sublime seria o espaço mais plausível para uma estética da sensibilidade subjetiva, e não o Belo ou o suprassensível, como os filósofos antigos haviam apregoado. **A partir de então, conduzir a alma para o além-sensível deixa de ser algo tão fundamental nos séculos da ilustração, pois fazê-lo significaria retornar aos princípios platônicos acerca do Belo.** O Belo, na antiguidade, tem como característica a serenidade, a calma, a completude do ser; e o sublime é demonstrado por Kant (1993) por meio de sentimentos estéticos a uma faculdade transcendental do espírito humano: a faculdade do julgamento do gosto. Brum (1999: 91), em análise esta Faculdade do Gosto, afirma:

Se, no juízo estético que aprecia o belo, o espírito frui da harmonia entre as duas faculdades (o belo, segundo Kant, convém às nossas faculdades, e agrada por isso), no caso do 'sublime' o que ocorre é um 'contraste [kontrast], um desacordo entre as faculdades. No caso, os termos em discordância são 'razão' e 'imaginação (a misteriosa faculdade kantiana que gera as formas).

Naturalmente, é preciso perceber que Kant não considera que a relação *Belo e Sublime* seja a de conceitos antagônicos ou excludentes. Em sua *Crítica do Juízo* (1993), ele define com rigor o que diferencia e o que há em comum nos conceitos de belo e de sublime. O belo é caracterizado pelo algo *em si* que permite o prazer desinteressado, a contemplação não transformadora porque não há transformação, mas uma contemplação pela aceitabilidade do perfeitamente existente no mundo ideal (*eidós*), mesmo com toda uma faculdade do juízo. **O belo (*kalón*) é uma experiência que está além e antes do julgamento do gosto devido ao seu aspecto de intangibilidade e à não necessidade de sua conceituação.**

A experiência do sublime é diferente da do belo. Ela ocorre numa dimensão para além da sensibilidade, pois é provocada pela razão, rejeitando assim a liberdade da aceitação espontânea do objeto para postular pela subjetividade um julgamento racional acerca do gosto. O sublime diferencia do belo por conta de que não há intangibilidade, mas racionalização e juízo sobre o objeto. O sublime seria uma espécie de *gegengewicht*, um contrapeso e não uma espécie de *widerpiel*, uma contradição. Daí que, na perspectiva kantiana, para que o sujeito realize sua experiência estética do sublime é necessário que ele tenha a faculdade da razão, pois isso faz com que ele experiencie sua finitude e impotência ante o *absoluto inteligível* (KANT, 1993), ante o belo.

Hegel tem uma visão sobre o *sublime* diferente ao de Kant. Para Hegel (2001), a mente constrói a realidade, vê que ela é criação sua, então conhece a realidade tão claramente

quanto se conhece a si mesma. A realidade e ela são uma coisa só. Assim se por um lado as pessoas são contraditórias em sua existência; por outro lado, elas não conseguiriam vivenciar sua existência por conta dessas eternas contradições, pois demandaria um distanciamento do que é plausível à vivência cotidiana. Ora, essa busca se dá ou para aceitar as contradições e assumi-las como valores, ou para aceitar as contradições e fundar novos valores que superem tais contradições. Em ambos os casos, o recurso a ser usado é o estético.

Hegel definiu em sua *Estética* que as contradições são processos dialéticos nascidos da experiência histórica, e levados ao extremo da convergência, a fim de que seja encontrado o viés *sintético* definitivo, absoluto, objetivo e sublime. Como extensão à dialética hegeliana, há uma estética racional sem a tutela do belo, mas de proporções sublimes. Para Hegel (2001), experienciar o sublime é encontrar a expressão fenomênica de um objeto que seja plausível de representação. Neste sentido, a subjetividade é o lugar da experiência do sublime porque pela razão é que ocorre o domínio representativo do objeto. Em outros termos, o debate sobre a beleza, o belo, o sublime e a estética tem sido bastante acirrado nos últimos dois séculos.

No entremeio desse debate sobre a questão estética, sobre o juízo do gosto e sobre o que é belo ou o que é sublime, já no final do século XIX até meados do século XX, encontramos o escrito de Hermann Broch, chamado de *Os Sonâmbulos*, no qual há a descrição da degradação humana, e que será tema do nosso próximo ponto.

1.2. Broch e a obra *Os Sonâmbulos*

No espectro dos filósofos idealistas alemães e austríacos, tais como Emmanuel Kant, Friedrich Hegel, Friedrich Von Schelling, entre outros, encontramos o romancista austríaco Hermann Broch, escritor com de conteúdo com forte apelo filosófico. Ele utiliza suas obras para provocar um debate saudável sobre questões éticas e metafísicas, assumidas por ele como problemas sem solução. Nascido em 1886, na cidade de Viena, e falecido em 1951, Broch é um dos grandes nomes da literatura alemã do século vinte.

Hermann Broch escreveu, entre várias obras, dois valiosos romances para a literatura contemporânea, embora ele considerasse que a literatura fosse um *final insuficiente*, algo como uma incômoda reticência, nas palavras de Arendt (2003: 104), carente de teoria do conhecimento. O primeiro valioso romance chama-se '*Os sonâmbulos*', em 1931-32. Em linhas gerais, esta obra defende que as pessoas de então vivem como sonâmbulas, entre o desaparecimento e o surgimento de sistemas éticos, pois o sonâmbulo vive em um estágio entre o sono e a caminhada. O segundo romance é '*A morte de Virgílio*', em 1941, em que Broch defende a ideia de que poesia em época de declínio é imoral.

Nossos estudos estão concentrados na sua primeira obra, *Os sonâmbulos*, escrita com destaque para três personagens: Pasenow, Esch e Huguenau. A dimensão epistemológica em que o romance '*Os Sonâmbulos*' foi escrito encontra-se no universo do irracional, pois Broch intenta provocar uma crítica sobre o que ele pensa serem o vazio e o desamparo metafísicos da contemporaneidade, desesperadamente irracional. Essa epistemologia é base de nossos comentários sobre a estética da degradação dos valores humanos, um mergulho desprendido na fissura provocadora da experiência estética, um mergulho apresentativo e não representativo na finitude subjetiva e que demanda uma atitude estética da condição humana enquanto drama a ser compartilhado. Neste delineamento, um dos tripés da teoria epistemológica do romance é a estética. Logo, convém perguntarmos *esteticamente* quais formas apresentadas por Broch podemos apreender em *Os Sonâmbulos*. Uma vez tida uma especulação desapegada acerca dessa questão, podemos quiçá ressignificar nossos valores e a degradação em que nos encontramos, promulgada tão explicitamente por Broch em sua obra.

1.2.1. Os Sonâmbulos: percepções sensíveis sobre o pensamento literário de Hermann Broch

O personagem brochiano *Pasenow*, protagonista de todo o primeiro episódio de *Os Sonâmbulos*, possui a aparência como o fundamento de suas decisões. A aparência que deseja manter é a que todos desejam ver, uma aparência social que não deixa os fluidos internos explodirem. Logo, ainda que a razão e o coração pareçam lhe indicar que a vida deve ser vivida livremente, o comandante Pasenow se vê incapaz de qualquer decisão que provoque ruptura com sua condição social e, mais necessariamente, com seu passado. Ele é tão movido pela aparência que se digna a ser incapaz de voltar a ser civil para tomar conta das propriedades da família quando da morte de seu irmão Helmuth, pois a farda lhe proporciona dignidade, respeito e autoridade, atitudes que, para Pasenow, não são vivenciadas pela sociedade civil (KUNDERA: 1988).

Pasenow é como um objeto envolto a um rótulo hierárquico que lhe garante poder. Mas é apenas um “algo” rotulado. Falta-lhe substância que lhe daria identidade própria pela essência. Pela substância interna, Pasenow seria aquilo que necessariamente é; capaz de existir por conta própria. Seu julgamento e decisões sobre o que deveria fazer em relação à sua família, à Ruzena e Elisabeth, em relação a Bertrand, a Esch e Huguenau, não seguiriam as regras da aparência. Seu contrassenso, Bertrand, é a voz da busca da essência, do viver o que se pensa gerar para si a felicidade, ainda que isso lhe custe preconceitos e manifeste dicotomias da existência humana. Bertrand é uma representação da ideia brochiana de que precisamos ser o que somos como ruptura ao sermos o que devemos ser, carregado de imperativos categóricos ao modo kantiano.

Pasenow é uma espécie de “o romântico”, talvez uma crítica risível ao realismo da Berlim de 1888. Ele é romântico porque se prende desesperadamente aos valores que outros já consideram ultrapassados ou “fora de moda”. Esse sono patológico, ou mesmo *sonambulismo*, dá à sua personalidade uma forma bastante pitoresca e também o leva à inércia ou passividade ao lidar com situações que não se encaixam na sua finita e estreita maneira de ver o mundo. Nele, há a experiência do sublime, enquanto manifestação de contrapontos entre o prazer e a dor, entre a certeza e a dúvida, entre o que é e o que deve ser, que tem a sua superação garantida através do raciocinar pela faculdade do juízo e do assumir o caminho da moral, sem colocar **em xeque as próprias decisões ou vontades divergentes do próprio raciocínio**.

As contradições da aventura existencial de Pasenow faz com que ele encontre sentido somente ao recorrer a uma inteligência superior, no seu entender, única entidade a dar significado universal às contradições da vida porque responde transcendentalmente a conflitos localizados e situados. O eterno, o transcendental vincula-se ao permanente, *in illo tempore*, enquanto a realidade factual e a história são apenas a vivência fundada na condição humana. Pasenow responde às suas incertezas não pela via ética, enquanto resposta à decadência humana, mas a partir da aparência social, pois ele necessita apegar-se a valores morais os quais servirão de critérios norteadores de suas atitudes e decisões, e assim acalmar sua alma, possibilitando-a viver em um mundo de valores em decadência. É o uso que Pasenow faz de critérios nascidos de sua faculdade de julgamento estético objetivo que o leva a experimentar uma espécie de satisfação racionalmente delimitada pela moral.

O personagem do segundo episódio, de nome Esch, é a irrupção do cinismo. Nele, o narrador defende que a substância que dá significado ao ser sujeito está perdida, não havendo mais apego a qualquer fundamento moral ou ético. Esch é a exacerbação do descaramento. Diferentemente de Pasenow, ele não está preso a situações passadas, a tradições sociais ou culturais. Livre de amarras do passado, mas incapaz de estabelecer um equilíbrio que lhe garanta harmoniosa vida social, ele é considerado um *sonâmbulo*, vagueando entre valores da

noite e valores do dia. Sem enxergar o caminho a seguir, ele segue qualquer um. Sua filosofia da contabilidade é a forma de salvar o mundo.

Tudo deve estar no seu lugar pela justiça. Ora, como não consegue distinguir qualquer substancialidade em sua vida ou no mundo, ele transforma tudo o que lhe é acessível em substância. Tudo tem substância, mas não tem significado, especialmente as pessoas: Tia Hentjen, Erna, Ilona, Esch, Martin, Harry, Bertrand. Para Esch, elas são substâncias válidas para garantir a vida contábil. O que importa a ele é a não-contradição. Por isso, há o seu esforço em superar o antitético pelo sintético. Em sua percepção, as pessoas não podem viver cada qual à sua maneira; ao contrário, todas as atitudes humanas devem convergir para um único plano de justiça. Logo, os erros individuais devem ser repugnados, odiados e considerados *anti-contábeis* pois, inversamente aos valores contábeis, os passos em falso provocam injustiça e forjam situações que não permitem a justiça de ser contemplada e vivenciada.

Esch, o anarquista sai do seu emprego e consegue, por meio de Martin, outro anarquista, emprego de tesoureiro. Sua vida desde então é transformar a todos em negócio e explicita em suas atitudes o dito popular *negócio é negócio* (ARENDDT, 2003). Por isso, tudo deve convergir para uma síntese. Desta maneira, as soluções que busca, nem sempre plausíveis, devem servir para que o plano contábil seja *zerado* ao final de seu processo. As pessoas, na perspectiva de Esch, vivem de irregularidades e estão desprovidas de consciência e vivem dentro de organizações particulares, utilitárias e racionais e, assim, subtraem seus deveres terrenos. Esch, porém, parece não reconhecer em seus próprios atos as contradições que tanto critica nas pessoas, pois procura justificá-los com fundamentos que redimem suas próprias contradições.

O personagem do terceiro episódio, Huguenau, é o que se pode dizer de imagem resplandecente do “vazio”. Não há mais substancialidade. O mundo não tem, para ele, valor e, por isso, pode-se fazer de tudo para garantir a felicidade própria. Por volta do final da Primeira Grande Guerra, Pasenow, comandante militar e Esch, publicitário de jornal local, protagonistas do primeiro e do segundo episódios, encontram-se num vilarejo às margens do Rio Mosel. A incapacidade dos dois em lidar com a nova e degradante realidade leva-os a buscar consolo numa seita religiosa. Aquela harmonia precária é rompida com a chegada de Huguenau. O realista Huguenau chega à cidade, rompido com o passado pela deserção das armas. Ele trapaceia Esch ao comprar, sem dinheiro, o jornal local; manipula Pasenow e despreza sua autoridade. Quando a revolução de novembro de 1918 termina, o romântico Pasenow e o anarquista Esch se entregam às forças do objetivismo. Huguenau é então apresentado por Broch a Pasenow e Esch como homem livre e empreendedor, interessado em ajudar no progresso da cidade. Mas, esconde-se por trás dele um outro capaz de usar as pessoas, degradá-las e até matá-las com tanta naturalidade, que merece ser qualificado de *sonâmbulo*. Por certo, Broch não tem admiração por Huguenau. Apenas deseja enfatizar a que ponto chega a degradação dos valores humanos, e a que resultados pode-se chegar com os atos e atitudes, sob a tutela da *liberdade* ou mesmo do *livre-arbítrio*.

Huguenau está tão preso à conveniência das coisas que para ele não é possível o distanciamento delas, estando ele e as coisas em um mesmo nível de degradação. Neste caso, na perspectiva de Huguenau, as únicas atitudes a serem vividas e as únicas decisões a serem tomadas devem assumir a condição de um jogo do *cada um por si*.

Além destes personagens, Broch insere outros como exemplos da temática da solidão do sujeito. Assim, Broch garante a polifonia de sua forma de escrever, dando ao seu narrador a temporalidade necessária à credibilidade da obra. Tal como acontece na música polifônica, as variações narrativas não se reduzem a uma linha única de desenvolvimento, integrando antes, em um todo complexo, vários componentes dotados de relativa autonomia. Há, assim, uma ampliação do tempo, alcançando espaços históricos em que a narrativa principal não

consegue atingir. Assim, os personagens de Broch estão envolvidos em eventos históricos, entrelaçados no destino de cada indivíduo. Há também a ampliação do espaço com a ilustração de ambientes sociais e culturais diversos, nos quais os personagens circulam sem que a obra perca sua estética.

Broch insere o esteta Eduard Von Bertrand, uma estranha figura em que os outros projetam seus medos e esperanças; o soldado Gödicke, que tenta remontar sua personalidade num Hospital Militar; o arquiteto Jaretzki, que perdeu seu braço na guerra e, com isso, seu senso de integralidade; Hanna Wendling, uma esposa alienada; Marguerite, a menina órfã que vive sem morada, e almoça com Esch; Marie, membro do exército de salvação em Berlim apaixonada pelo judeu Nuchen Sussen, mas que vê essa paixão morrer por causa das irreconciliáveis diferenças religiosas de ambos.

Porém, essa riqueza de narrativas não pareceu o suficiente para Broch manifestar todo o seu pensamento sobre a degradação dos valores humanos. Por esta razão, ele inseriu no último episódio uma série de reflexões filosóficas que nos leva a repensar os valores humanos. No ensaio sobre a degradação de valores inserido no romance, Broch demonstra que racionalismo e irracionalismo são fragmentos desordenadores e devastadores da psique humana quando destrói a unidade ética do sujeito.

Por certo, Broch, fazendo uso de personagens com histórias diferentes dentro de um mesmo ambiente, relacionando-se de maneira profunda e íntima, quer afirmar a não neutralidade, a existência de questões relevantes e ideias fundamentais; e que pontos de vista diferentes contribuem para um debate mais especulativo sobre o sujeito. Na trilogia, Broch analisa a História da Europa a partir do ambiente alemão e daí conclui que há uma perpétua degradação dos valores humanos. No processo de degradação ou de desaparecimento progressivo dos valores modernos, os personagens têm de encontrar o comportamento adequado. Tal comportamento garante à obra uma harmonia bastante dinâmica e sustenta a crítica que Broch faz da decadência dos valores humanos.

2. Um olhar sensível sobre o mundo a partir do romance de Broch

O que desejamos colher de *Os Sonâmbulos* não é a história, sob a forma de linguagem literária, mas a partir dela, extrair, sem trair de maneira gritante, indagações sobre atitudes humanas no mundo e assim nos apropriar do mundo em sua internalidade a partir do fundamento lingüístico do romance de Broch. Interessa-nos a linguagem da obra, enquanto elemento dissimulador mas também esclarecedor da internalidade do mundo a qual Broch traça um retrato bastante profundo. Essa percepção racional do leitor sobre a internalidade do mundo a partir da obra é feita sob a tutela dos elementos epistemológicos, retirados da própria obra, o que nos permite andar por um caminho que não seja o da análise das modalidades, da relação entre linguagem e realidade.

Esse *outro caminho* é o de apreender os acontecimentos que dão significado à existência sejam eles racionais ou irracionais. Em Broch, os acontecimentos denominados pela fenomenologia de *realidade*, não possuem monstros interiores deteriorando a alma e seus sonhos. Os monstros se encontram no mundo exterior, revestidos de pessoas que agem como uma espécie de representantes não assumidos do mal, com o objetivo de evidenciar a normalidade das contradições humanas, e que o melhor da vida é cada um assegurar-se de si mesmo, dentro das contradições, pois não há segurança ética, senão segurança estética, que possibilita a contemplação extática do acontecimento e não permite reação criativa para mudar ou revolucionar as estruturas, ou sistemas de valores já implantados na sociedade e que parecem ser intocáveis. Então, em *Os Sonâmbulos*, o destino narrado das pessoas indica que não há escapatória das contradições da realidade factual. Se por um momento escapamos dele, situações variadas se configurarão no devido tempo como aviso abissal: *a fuga é sintoma do*

medo de viver! A história, Broch nos indica, colocar-nos-á sempre em situações que nos levarão a viver as regras do espírito da História, incontrolável e ininteligível.

O que torna a obra de Broch uma preciosidade estética é a maneira dele comentar a complexidade da existência no mundo moderno, sem que para isso a narração **perca sua harmonia arquitetônica. Broch nos faz viajar pelo interior das contradições humanas, sem perder de vista que sua crítica é uma denúncia, com a esperança ajudar na reconstituição dos valores humanos, ou de serem constituídos outros novos. Ele utiliza recursos linguísticos polissêmicos para penetrar na essência dos problemas de cada personagem sem evasões, fugas ou cortes na narração.** Talvez o grande questionamento que ele propõe seja: como viver uma existência significativa e conviver com harmonia em meio a um processo de degradação de valores? Seus questionamentos nos levam a perceber a confusão estabelecida no universo de compreensão das pessoas sobre sua existência:

Esta época e esta vida que se desagrega terão ainda uma realidade? A minha passividade aumenta dia a dia, não que eu me gaste ao contato de uma realidade mais forte do que eu, mas porque por toda parte me deparo com o irreal. /.../ Esta época ainda terá uma realidade? Possuirá uma realidade axiológica em que se conserve o sentido da vida? Existirá uma realidade para o não-senso de uma vida? Onde se refugiou a realidade? Na ciência? Na lei? No dever? Ou na dúvida de uma lógica eternamente interrogativa, cujo ponto de plausibilidade se afastou para o infinito? (BROCH, 2003: 602 e 605).

Pode-se depreender de *Os Sonâmbulos* que a sociedade narrada no texto parece ter perdido seus sonhos, estando presa à guerra entre racionalidade e irracionalidade, conduzida por vários sistemas parciais de valores, que absorvem uns aos outros. Broch, em certo momento de sua obra, comentando as atitudes de Huguenau, afirma:

Huguenau não pensava nesse ato, e muito menos tinha sequer consciência da irracionalidade de que estava repleto a sua maneira de agir, de tal modo repleta que podia falar-se francamente de um ressurgimento do irracional; o homem ignora sempre tudo da irracionalidade que constitui a essência da sua atividade silenciosa, não sabe nada da ‘irrupção das vielas’ a que está exposto, disso nada pode saber, pois a cada momento da sua vida se encontra no interior de um sistema de valores, sistema cuja única finalidade é encobrir e dominar o irracional que constitui suporte da vida empírica, ligada à terra; não só a consciência, mas o próprio irracional, para falarmos em linguagem kantiana, é um veículo que acompanha todas as categorias – é o absoluto da vida, que, com todos os seus instintos, sua volições, suas emoções, caminha lado a lado com o absoluto do pensamento. (2003: 677).

Por isso, *Os Sonâmbulos* de Broch é um exercício que leva o leitor a situações que o ajudam no resgate de sua dimensão onírica, própria do sujeito, irrompida nas *vielas* da irracionalidade. Nas situações de vários personagens, Broch confronta a vida do leitor, pois a realidade revelada através de seus personagens o toca de tal forma que ele acaba se percebendo espelhos, visto que assim ele mostra as imperfeições humanas.

2.1. O eixo epistemológico condutor da engenharia estética textual de Broch em *Os Sonâmbulos*

A função epistemológica que adotamos para a análise de *Os Sonâmbulos* é a de encontrar um eixo axial que permita uma leitura holística dos três episódios. Neste sentido, Broch oferece uma série de situações e acontecimentos a partir da qual podemos investigar possíveis *epistemes*. Não importa, para pensarmos um tipo de epistemologia que trabalhe a problemática do romance, se um texto literário carece de veracidade, ou contém falsidade. Interessa-nos os fundamentos racionais ali inseridos que permitem refletir acontecimentos. Através de fundamentos racionais o narrador brochiano se impõe em seus personagens e

transporta o leitor para um universo em que são evidenciados diversos tipos de degradação humana: a guerra desenfreada entre *essência* e *aparência*, o *querer ser* confrontando com o *ter que ser*, a passividade diante do *definido* e do *indefinido*, a ingrata indecisão entre *certeza* e *dúvida*. Broch propõe que a ruptura da Idade Moderna com a Idade Média levou as pessoas à perda de seus valores porque junto à ruptura houve uma severa fragmentação do sistema cristão de valores e dos sistemas parciais seculares fundados na razão. Ele afirma, em um certo momento da obra, como a Igreja lida com esse problema:

A Igreja só conhece um sistema de valores: o seu próprio, porque, em virtude da sua origem platônica, só conhece uma única verdade, um único Logos; sendo a sua atitude inteiramente racional não pode suportar a extralógica e é levada a priori a negar toda a legitimação à existência do irracional e das suas ‘qualidades’ hipotéticas, não só do ponto de vista da teoria do conhecimento como do ponto de vista da ética; o irracional torna-se pura e simplesmente bestialidade e tudo que dele se pode dizer limita-se a verificar que existe e que deve ser compreendido na categoria do Mal. /.../ A existência do Mal fez sempre parte dos postulados da igreja militans, e quando o processo de degradação dos valores leva esta existência a manifestar-se de maneira ininterrupta, a Igreja vê-se a cada passo obrigada a imputar mais uma vez ao Mal a responsabilidade desta degradação, por outras palavras, a eliminar do seu próprio corpo o ultra-racional – no qual ela vê a origem da degradação – e a relegá-lo para a categoria do Mal, portanto, do irracional. (2003: 686).

Nesse jogo, Broch convence o leitor de que tem como eixo epistemológico a degradação dos valores humanos. Ele tece em sua narrativa a ideia de que as percepções humanas foram perdidas ao longo do tempo, na medida em que sistemas de valores universais foram sendo reduzidos a sistemas parciais de valores, sendo necessário recuperá-los, não para resgatar o poder eclesiástico do período medieval senão para recuperar o senso comunitário. Porém, não há jeito de fazê-lo senão restabelecendo a sensibilidade do sujeito leitor. A sensibilidade ajuda o leitor a penetrar no romance e ‘degustar’ cada personagem de Broch, elemento esclarecedor da existência humana.

Com base nesta mesma lógica, vivenciamos um processo estético que nos permite compreender a subjetividade humana e responder às contradições por meio de uma unidade ética que nos faz reconstruir, ou mesmo construir, valores que garantam a digna existência do sujeito, sem exigir que isto seja o alcance do *homem total* de Hegel.

É o que parece também propor Nietzsche, em sua *Genealogia da Moral* (2004), ou seja, pela maneira de ver o sujeito e seus valores, a partir dos idealistas como ideais, dos anarquistas como anárquicas e dos realistas como reais, é preciso ver coisas humanas, *demasiado* humanas. Não se pode assumir a representação como o fundamento que possibilita gerar valores. Para além da representação, é preciso fazer apresentação das coisas em si e das pessoas em si, descumpridoras do *dever ser* idealista, assumindo a própria vida em si como contraponto à vida que deve ser, visto estar esta em processo de condenação pela degradação de seus valores, enquanto aquela reconstitui uma saída original e desprendida, pois não irá categorizar as dimensões humanas e hierarquizá-las em níveis de comportamento bom ou mau. Isto é mais consistentemente dito por Nietzsche como *transmutação dos valores*.

Em *Os Sonâmbulos*, Broch utiliza a irracionalidade para provocar o desabamento epistemológico das estruturas racionais que sustentam vida germânica desde o século XIX, no referente a sistema de valores. Os alemães pareciam aceitar que os valores morais resultam de imperativos categóricos da tradição. Contudo, vários desses valores para Broch nascem da irracionalidade e são tornados racionais pela racionalidade, que se lhes impõe a categoria racional, pois não é possível proibir ou as estruturas irracionais que pululam no interior do sujeito. Broch (2003: 677) afirma:

Todo o sistema de valores procede de tendências irracionais e da tarefa de refundir a percepção irracional do mundo, sem valor ético, para lhe dar uma forma racional absoluta; esta tarefa específica e radical de ‘formação’ torna-se o escopo ético de todo

o sistema suprapessoal de valores. E todo o sistema de valores tropeça com esta tarefa. O método racional é sempre um método de aproximação, é um método de envolvimento que procura atingir o irracional, circunscrevendo-o em círculos, sem dúvida, cada vez mais reduzidos, mas sem nunca o atingir, quer se manifeste sob a forma de irracionalidade do sentimento interno, da inconsciência desta vida e da experiência vivida, quer da irracionalidade dos acontecimentos do mundo e da infinita complexidade da figura real: o racional apenas é capaz de atomizar.

Esta assertiva indica que a degradação de valores e a desagregação da comunidade humana em variados sistemas de valores declinam o senso de humanidade das pessoas. Para Broch, o sistema de valores surge de impulsos irracionais, sendo o principal objetivo do escopo ético o de transformar esses impulsos irracionais em algo absolutamente racional. Mas, a condição de equilíbrio entre irracional e racional não é permanente, provocando desintegração de um sistema universal de valores em sistemas parciais que procuram engolir uns aos outros, por meio de uma Razão autônoma e livre, individual e independente das pessoas (ARENDDT, 2003). Isto gera uma sociedade degradante em seus valores, desintegrada e vazia; gera também uma crise do sujeito e a consciência de uma identidade fragmentada, pois conforme Broch (2003: 678):

A lógica dos fatos compele o racional para o ultra-racional, compele o ultra-racional para o seu limite de infinito; prepara o processo de degradação dos valores, a dissolução do sistema total em estruturas parciais, e, na extremidade deste processo, aparece a autonomia de uma vida irracional desenfreada.

Analogamente à ideia de Broch, Maffesoli defende que o racionalismo, fechado em torno de si mesmo, dotou os sistemas parciais de valores de autonomia e capacidade de orientação. Maffesoli (1997:33) comenta:

O resultado não carece de grandeza, e isso em todos os domínios: filosófico, político, gestor, institucional; em tudo isso a racionalização culminou com a implementação de um sistema auto-suficiente. Mas desse sistema estão totalmente cortadas as forças vivas da sociedade, da inventividade intelectual, da originalidade existencial, em suma, da criação sob todos os seus aspectos. Há, no sistema que funciona para si próprio, alguma coisa que é da ordem da grandeza e do declínio.

Assim, a vida do sujeito que transita do moderno a um possível pós-moderno, tal como o sonambulismo, funda-se em princípios estetizantes que garantem o equilíbrio social num mundo degradante. A subjetividade está em um nível mais além da racionalidade, que é apenas uma parcela do sujeito. É a partir dessa percepção que se pode pensar a estética da degradação dos valores humanos, e uma possível estética que sustente a *transmutação dos valores*, estética esta que se encontra no suprassensível.

3. A opção estética de Broch na arquitetura de Os Sonâmbulos

A obra *Os Sonâmbulos* possui em sua internalidade o confronto entre o racionalismo e o irracionalismo, e entre o estético e o ético. A irracionalidade, vista sob o ponto de vista da obra assume características manifestadamente polimorfas e, neste caso o narrador tece sua própria lógica na forma da racionalidade. O aspecto imprevisível no desenrolar dos acontecimentos na obra assume um caráter decididamente irracional com linguagem racional, e o uso de fundamentos estéticos oferece coesão e sentido às variações formais. Isto não nos parece um problema. Ora, a estética moderna parece percorrer outro caminho, com fundamentos racionais, para garantir a lógica formal de entendimento. Tais fundamentos parecem orientados por uma estética ideológica clássica que beneficia a forma perfeita e a harmonia sobre a realidade degradante e contraditória, em que vivemos. (EAGLETON: 1993).

Embora a Estética seja essencial à subjetividade, por conta do equilíbrio do contraditório e irracional, propomos uma crítica a um tipo de estética racional que faz com que o sujeito se torne apenas um ser *contemplativo* passivo da realidade (MAFFESOLI: 1996). A categoria de contemplação que assumimos refere-se ao estado extático em que um indivíduo se encontra diante de algo absurdo que o aterroriza e o fascina, que o esclarece e o dissimula e que para superar o drama existencial o sujeito opta e assume certos gestos estéticos. De acordo com Eagleton (1993), no estado de contemplação ou de inação há uma espécie de orfandade de uma ética da alteridade, e assim, a reação do sujeito sobre sua própria decadência, sobre a degradação de seus valores é uma reação conduzida pela racionalidade moderna nascida na burguesia.

A necessidade contemplativa é um recurso estético importante no processo de aceitação desta realidade. Todavia, conforme Maffesoli (1997), é preciso romper com a inação produzida pela contemplação, e ir além do viés contemplativo extático para produzir um novo viés contemplativo que garanta dinamicidade e metanóia à existência humana e, assim, mudança radical do rumo tomado pelo sujeito com seus valores degradantes, gestados pela razão instrumental da modernidade.

Com a intenção de propor um caminho diverso ao da acomodação estética e da contemplação extática, adotamos uma epistemologia da sensibilidade ou do romance (BARROSO: 2003), nascida nas entranhas de um romance, e convincente de que as percepções humanas têm sido colocadas de lado sendo necessário recuperá-las. Ora, não há outra maneira de fazê-lo senão restabelecendo nossa sensibilidade e provocando dúvidas sobre a estética vigente. Não uma dúvida como ato de descrença senão uma dúvida pedagógica que nos ajude a retirar de uma obra, com rigor estético, questões problematizadoras como verdade e mentira, realidade e invenção, autenticidade e falsidade, valores positivos e valores opositivos.

Essas questões norteiam a estética da degradação dos valores humanos proposta por Broch. Ele nos faz perceber como eixo estético de sua obra a insanidade humana reduzida a sistemas de valores parciais, rigidamente estabelecidos pelo princípio da razão, orientador do Romantismo, do Realismo e da Anarquia (KUNDERA: 1988 e ARENDT: 2003). Em contrapartida, é plausível apontar que Broch procura reabilitar a sanidade, como a humanidade dos humanos, como gesto estético e como fundamento ético, como crítica capaz de vulgarizar a tentativa da ciência e do conhecimento em impor racionalidade a toda a realidade, inclusive aos atos irracionais do ser. Observa Arendt (2003: 103) que Broch tinha objetivamente algo a dizer sobre a literatura, que *a missão extraordinária da literatura contemporânea, que teve primeiro de passar por todos os infernos da l'art pour l'art, é verter todo o poder estético para o poder ético.*

Assim, importa reconduzir o sujeito aos princípios da irracionalidade para que haja alternativa à vida. Se os princípios da racionalidade provocam degradação de valores, conforme Broch, então urge que os princípios da irracionalidade nos conduzam a uma nova existência. Estamos na *entrevielas* desse processo, ou seja, estamos *sonâmbulos*. É preciso acordar para uma nova realidade.

Os Sonâmbulos provoca profunda identificação de nossos valores, em ebulição degradante, com os conflitos teatrais dos personagens, tendo como pano de fundo a própria sociedade germânica em processo de degradação. Em Broch, o imperativo ficcional (RODRIGUES: 2000) é, na verdade, um questionamento: até quando permaneceremos sonâmbulos? Até quando a letargia que tomou conta de nós, pelo viés da razão instrumental, se fará presente em nossa consciência?

Esse imperativo ficcional visa denunciar o estado paranóico do sujeito de hoje, imobilizado por uma estética que deixa transparecer o absurdo no sujeito, ou mais precisamente, o degradante sob a forma da normalidade porque está aparentemente dentro do

controle dos sistemas de valores parciais. É preciso, todavia, buscar saídas estéticas e éticas. Talvez a proposta de Maffesoli que fala da *vida que não se deixa enclausurar*, seja uma resposta alternativa à paranóia. Afirma ele (1997:18-19):

As coisas e as pessoas são o que são; procedem e organizam-se de acordo com uma disposição que lhes é própria. Assim, ao invés de desejar ‘pegá-las’ no conceito, talvez valha mais a pena acompanhar a energia interna que está em ação em tal propensão. De minha parte propus pôr em ação um pensamento de acompanhamento, uma ‘metanóia’ (que pensa ao lado), por oposição à ‘paranóia’ (que pensa de modo impositivo) próprio da modernidade. Algo como uma sociologia da carícia, sem mais nada a ver com o arranhão conceitual.

Neste sentido, pode-se afirmar que o Racionalismo se perdeu em sua lida com a força do seu contrário, seja para compreendê-lo ou para integrá-lo, pois não se permitiu o acesso da sensibilidade, da organicidade e da dinamicidade, fomentadoras de vida que, revestidas de imprevisibilidades e incertezas, impossibilita padronizar sua efervescência. A vida, revestida de emoções, sensibilidades e aparências, clama por valores, por uma nova maneira de ser e de existir. Por isso, Broch (2003:696) conclui:

Nunca o Irracional se poderia organizar em Racional, nunca o Racional poderia, por sua vez, fundir-se na harmonia do sentimento vivo, se não participassem os dois de um Ser que lhes é superior e que impõe respeito. Um ser que é, ao mesmo tempo, a realidade suprema e a mais profunda irrealidade: só nesta solidariedade da realidade e da irrealidade se realizará a totalidade do mundo e da sua figura; é na idéia de liberdade que se justifica a eterna renovação da humanidade, pois, inacessível à face da terra, é preciso que o caminho que a ela conduz seja constantemente percorrido de novo.

Nesta perspectiva, há ainda muito a ser buscado nas entranhas de um romance que, livre das amarras da razão racionalizante, permite-se fluir as ideias, sentir a liberdade, entrar no mundo da incerteza, pensar a dúvida e a eternidade. Pelo romance, é possível aceitar o contraditório, o clandestino, a loucura, o insano. A viagem reflexiva, pela via literária, permite-nos assumir a insensatez, o riso, a alegria, o deboche prazeroso como fundamentos da vida. Essa viagem nos faz imperfeitos e, por isso, perfeitos. Aliás, na imperfeição de nosso ser encontramos felicidade, pois ser feliz é simplesmente ser a si mesmo. Ao entrar com sensibilidade na internalidade de um romance estamos vivenciando um processo epistemológico capaz de fazer com que olhemos a substância humana, personificada em atos e atitudes, geradores ou resultantes de acontecimentos, e responder às contradições, por meio de uma interpretação que nos permita reconstruir, ou ainda construir, valores que garantam a digna existência humana. Isso porque, recordando Hermann Broch, *ainda estamos aqui, não façamos o mal*.

Considerações Finais

Entre as formas que encontramos na literatura de Hermann Broch está o *sonambulismo*, como um modo provocativo de lidar com as contradições da vida. A forma *sonâmbula* de vivermos a vida nos tempos atuais indica que velhos tempos estão morrendo e novos tempos estão por vir. Esta forma estética do *estar-aí* é um instrumento reflexivo com o qual Broch alcança uma realidade da alma – *Seelenwirklichkeit* – e que, conseqüentemente, nos leva para além da vida cotidiana. A exigência da forma *sonâmbula* no romance de Broch pretende apenas cristalizar o que podemos chamar de desejo de unicidade, vontade de ir além da fragmentação da vida cotidiana. Ou seja, essa vontade de *ir além* não significa separação, mas o estabelecimento de uma unidade que torne a vida mais plena de sentido, sob a tutela da estética do *estar-aí*. No meio da mudança entre um tempo que morre e outro que está por

nascer, o escritor Broch dedica seu tempo a procurar, sob a forma de um romance, a verdade, e encontra no fim do seu caminho, a vida.

Nesta mesma caminhada estamos todos forçando a irrupção de novos pensares que reflitam um tipo de pensamento débil, sensivelmente indicativo do esgotamento de uma proposta de mundo feita pela modernidade. As estruturas racionais da modernidade parecem ter chegado ao fim, pois as certezas garantidas com a instrumentalização da razão já não parecem mais eficazes no trato com a existência humana e suas complexas fruições. As razões são diversas, mas cabe aqui apontar uma que nos parece fundamental, a de que as estruturas racionais da modernidade são alérgicas às aparências, às coisas sensíveis pelo motivo de que não se pode reduzi-las à intelectualidade pura. Entendemos que há um medo dessas “coisas alérgicas” levarem o pensamento humano de volta ao caos primitivo que a razão já *parece* ter ordenado.

Ora, nossa proposta neste artigo foi apontar que estamos propensos à proposta de pensar a vida na sua forma estética, sem renunciar ao intelecto, pois é necessário um esforço intelectual para pensar o mundo. Contudo, tal pensamento vincula-se a uma ética das situações, que considere o momento, o *estar-aí*, o instante – Augenblick. Essa postura exige uma *metanóia*, um pensar ao lado as variadas percepções humanas dos fenômenos da vida, por meio da sensibilidade como qualidade fundamental da razão, ou seja, é preciso pensar um novo jeito de olhar uma obra clássica, não com um único olhar focal, senão com a tactibilidade na apreensão dos fenômenos da vida, pois essa postura didática visa transmutar os limites racionais para a compreensão de uma obra literária.

Uma das formas dessas percepções sensíveis ou táteis e do pensamento intelectual é a literatura, expressa em obras romanescas que traduzem em linguagem, problemas fundamentais da existência humana. Ler uma obra, na perspectiva da epistemologia da sensibilidade e da percepção estética é um *pensar ao lado* com a intenção de encontrar nas entranhas desta obra, seu eixo condutor, problematizador, de unicidade e provocativo que garanta a ela válidas condições para torná-la um objeto de fundamental importância para o discurso sobre temas caros à humanidade.

Ora, *Os Sonâmbulos*, de Hermann Broch, por meio de uma engenharia coerente, nos surpreendeu com as profundas reflexões em torno do grande tema da *Degradação dos Valores Humanos*. Temos consciência de que essa temática perpassa a Literatura Austríaca e influencia, de maneira significativa, vários escritores da Literatura Alemã. Entretanto, Hermann Broch, em sua obra *Os Sonâmbulos*, coloca com acentuado tato filosófico e criatividade profunda, elementos fundamentais que servem como pavimento sólido para uma análise da vida e de suas contradições. Acreditamos ser válido pensar neste sentido, visto que assim se pode falar do nascimento de uma nova época. Ainda que esta nova época seja provavelmente a irrupção das sementes pré-modernas que, após o longo sono da modernidade, ganham espaço e força para fazer-se brotar.

Por fim, e longe de servir de resposta, nosso estudo visa apenas lançar para o nível da reflexão filosófica, expressa pela epistemologia da sensibilidade ou do romance, o desejo de insistir em favor da ideia de que, nas entranhas de um determinado romance, podemos perceber a existência de uma lógica refratária e subterrânea eficaz para satisfazer a intenção de um escritor em transmitir ao mundo uma espécie de *recado*, que nos faça perceber com mais sensibilidade a realidade originária, considerando que esse *recado* nasce no próprio interior da humanidade.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense, 1989.
- _____. *Homens em tempos sombrios*. Companhia das Letras: 2003.

- BAUMGARTEN, Alexander G. *Estética*. Trad. De Mirian S. Medeiros. Petrópolis, RJ : Vozes, 1993.
- BARROSO, Wilton. *Elementos para uma Epistemologia do Romance*. In: Colóquio: Filosofia e Literatura. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- BROCH, Hermann. *Création Littéraire et Connaissance*. France: Gallimard, 1966.
- _____ . *Os Sonâmbulos*. Trad. de Wilson H. Borges. São Paulo: Germinal, 2003.
- BRUM, José Thomas. *Visões do sublime: de Kant a Lyotard*. Em CERÓN, Ilena Pradilla & REIS, Paulo (org.) *Kant, Crítica e Estética na Modernidade*. São Paulo: Senac, 1999.
- EAGLETON, Terry. *A Ideologia da Estética*. Trad. de Mauro S. R. Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- HEGEL, G. W. Friedrich. *Esthétique*. Tradução francesa por J. G. Aubier. Paris: Montaigne, 1944.
- _____ . *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Menezes. Petrópolis: Vozes, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. Trad. José Teixeira C. Neto. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Trad. de V. Rohden U. B. Moosburguer. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- _____ . *Crítica da Faculdade do Juízo*. Trad. de V. Rohden & A Marques. Rio de Janeiro: Forense, 1993.
- _____ . *Crítica da Razão Prática*. [1788]. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- KIVY, Peter. *Estética: Fundamentos e Questões de Filosofia da Arte*. Trad. Euclides L. Calloni. São Paulo, Paulus: 2008.
- KUNDERA, Milan. *A arte do Romance*. São Paulo, Nova Fronteira: 1988.
- LUKÁCS, Georg. *A Teoria do Romance*. Col, Espírito Crítico. São Paulo: Duas Cidades, 2003.
- _____ . *El Alma y las Formas y La Teoría de la Novela*. Col. Obras Completas. Espanha: Grijalbo, 1975.
- MAFFESOLI, Michel. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____ . *Elogio da Razão Sensível*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia*. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____ . *Genealogia da Moral*. Trad. de Paulo C. de Oliveira. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à Estética*. Rio de Janeiro: José Olympo, 2004.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Convite à Estética*. Trad. de Gilson Baptista Soares. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.